

Os Manuscritos Econômico-Filosóficos

Silvio Ricardo Gomes Carneiro (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Ricardo Ribeiro Terra

Início essa primeira etapa de meu projeto de iniciação científica com o propósito de estudar o filósofo Karl Marx (o jovem) no campo de Ética e Filosofia Política, verificando primeiramente a forma de Estado Capitalista e seus modos de manutenção. Assim, como intróito, estudei o sistema de alienação. Mas, no meio deste caminho, deparei-me com o *ser genérico* que o marxismo propõe como resposta ao *indivíduo* do sistema capitalista. Tentarei, em minha exposição, delinear estas duas espécies de homem, através da análise da obra Manuscritos Econômico-filosóficos deste pensador. Antes, porém, de dirigir-me ao tema principal, necessitei colocar a obra no seu contexto histórico, analisando os elementos que formavam a economia política do século XIX, ou seja, o capitalismo industrial, com seus fundamentos contraditórios e *arranjadores* de uma organização social. Com eles, todo o complexo da sociedade desordenada em sua essência, acaba distanciando o homem de sua característica natural de ser genérico. Contrapondo-se a essa visão, Marx esboça uma nova forma de economia política, com princípios que integrem o homem à sua natureza e, juntamente, à natureza dos objetos com os quais convive.

Os elementos fundamentais que formam as bases deste Estado caótico e alienante, contrariado por Marx, são: o **salário do trabalho**, o **lucro** e a **renda da terra**.

Como primeira visão do indivíduo, no capítulo dos primeiros manuscritos que descreve o salário, notamos um trabalhador considerado pelo economista um "homem-mercadoria". Para que se prove isto, basta ver o valor de seu salário. Em termos econômicos poderá dizer que preço pode ser classificado como dois tipos: o *natural* ou o *corrente*. O primeiro definido como um valor compensatório dos "gastos de produção" ao passo que o segundo, valoriza-se pela concorrência do mercado e, portanto, submete-se às leis econômicas principais do capitalismo industrial. Por este viés, o salário, como pagamento da força empregada pelo trabalhador na produção de algum objeto, deveria estar no âmbito de preço natural, ou seja, o salário será correspondente à energia utilizada pelo indivíduo, não importando a situação do mercado a que o produto do trabalho esteja submetido. Porém, o preço salarial é o suficiente para que o trabalhador sustente a si e a sua família, lembrando-se que paga à família visando sustentar a raça dos trabalhadores e, simultaneamente, o sistema econômico. Assim, o preço natural do salário é o preço corrente. Além disso, um capitalista não deve pagar além do considerado necessário à sobrevivência dos seus trabalhadores, caso contrário, condenará a si próprio a viver como trabalhador. Isto porque, ao reduzir o capital de seu lucro, não conseguirá concorrer com os grandes capitalistas.

Formulam, ainda, os economistas, que a melhor situação para o trabalhador ocorre quando a riqueza da nação está em desenvolvimento, pois a concorrência é mais

[The page is mostly blank with extremely faint, illegible text visible through the paper.]

mem, mesmo se apropriando do produto, é servil a ele. Segue-se, então, a oposição de dois mundos: o dos homens e o das coisas, quando na realidade, um é complemento do outro. O trabalho, característica essencial do homem, é visto como algo que não lhe fornece prazer, fazendo com que este, inclusive, prefira satisfazer suas necessidades animais, esquecendo-se, ou até fugindo, do que ele realmente é (surge a auto-alienação). E o que é essencialmente o homem? Marx aproveita a noção de ser genérico de Feuerbach, um ser que tem consciência da sua espécie homem e que possui consciência de si ao ter consciência da sua espécie, ou seja, conscientiza-se da sua necessidade de relacionar-se. Pois é com o objeto (representação da natureza) produzido pelo ser social, que o indivíduo cristaliza sua personalidade. Em outras palavras, é por meio da natureza que o indivíduo une-se à espécie sem grandes conflitos. É produzindo que o homem sai das suas necessidades corporais, animais, simples para uma produção de nível espiritual, genérico e diferenciador do homem em relação ao animal. Além disso, Marx identifica este indivíduo como livre. Porém, no sistema ceifador do homem o capitalismo, o ser genérico torna-se abstrato, uma teoria, ou uma condição de vida pós-morte. Ou seja, a alienação pode ser de três tipos: 1) da Natureza em reação ao homem, 2) da vida genérica do homem, como ser produtor e 3) da vida humana nas relações sociais.

O capital, que gera a alienação, ganha sua força na idéia de propriedade privada, a qual atribui ao trabalho um nada, pois o objetivo do trabalhador é atingí-la a fim de aliviar-se da dor que sua função oferece, produzindo só por meio de lucros e juros. Assim, perde-se novamente o contato com uma das principais integrantes da essência humana: a natureza, emancipando o trabalho como mecanismo interno de acesso à propriedade. É assim que o capitalista, enquanto homem, aliena-se: através da apropriação (que se poderia pensar, vem da mesma raiz de *próprio*, o que distancia do ser genérico enquanto não pensa somente em si mesmo) A apropriação é então, condição de alienação. Enquanto que, por parte dos trabalhadores, a aceitação servil da comunidade é a atividade da alienação.

Marx identifica como forma para contra-atacar este pensamento, o comunismo, pois é a negação da propriedade material, desenvolvendo o povo através da sua existência e da sua essência, ou seja, através da vida real e da consciência. Por outro lado, o sistema econômico capitalista, aliena do homem estas formas de desenvolvimento através das leis econômicas e da religião, respectivamente. Desse modo, o comunismo enquanto ação de eliminar a propriedade privada material, e o ateísmo como algo que elimina os preceitos religiosos abstraídos da filosofia, devem unir-se. É no comunismo ateu, portanto, que se descartam as antíteses do sistema capitalista-cristão: objetivação e auto-afirmação, liberdade e necessidade, indivíduo e espécie.

Na primeira, objetivação e auto-afirmação, o comunismo age por meio da humanização da Natureza e da naturalização do homem. O ser individual, enviezado pelo objeto, consegue personalizar-se no processo de trabalho. Emanam-se então a auto-afirmação da existência do indivíduo para si e para outrem. Na segunda e terceira antíteses: liberdade e necessidade e indivíduo e espécie, surgem os elementos que sociabilizam as relações, são eles: o espírito e a atividade sociais. É aqui que se verifica o fato de que, mesmo em uma atividade científica individual, os resultados

são sociais, uma vez que se produz, enquanto espécie homem, um produto social.

Portanto, o ser genérico de Marx é aquele que possui uma consciência universal, capaz de até abstrair-se da vida real, na medida em que é ser social. Sendo deste tipo, a sociedade não contrariará os interesses do ser particular social. É então na particularidade que este ser pensa na Totalidade Ideal. *“A existência subjetiva da sociedade enquanto pensada e sentida”* Assim, na relação espécie-indivíduo, manifesta-se a necessidade do indivíduo, porém, não literalmente a liberdade. Marx, nas suas definições de ser genérico presentes nos manuscritos, afirma que, sendo ser genérico, não pensa somente em si, mas na comunidade e na totalidade ideal. Mas, afirma em seguida que tal homem é livre. Indago-me como pode asserir isto. Mais adiante, nas antíteses proporcionadas pelo capitalismo, coloca liberdade e necessidade, todavia não encontrei nada além da explicação da justa necessidade do homem ao socializar-se. Assim, comprometo-me a seguir minha pesquisa na aventura de encontrar o conceito de liberdade do jovem Marx.